

A natureza relacional da mudança na aquisição da escrita: memória e projeto

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3920>

Giovane Fernandes Oliveira¹

Resumo

Este artigo expõe os resultados de uma pesquisa anterior e os eixos de uma pesquisa atual, ambas assentadas em uma concepção de mudança na aquisição da escrita que confere a essa mudança uma natureza relacional. Os resultados da pesquisa anterior são expostos nas três seções de desenvolvimento, mediante o delineamento de relações semiológico-enunciativas que estruturam a escrita infantil e sofrem transformações nessa estruturação: a relação locutor-língua, as relações locutor-alocutário/alocução-mundo e a relação língua-locutor. Por sua vez, os eixos da pesquisa atual são expostos nas considerações finais.

Palavras-chave: mudança; aquisição da escrita; relação; semiologia; enunciação.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; giofoliver@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>

La nature relationnelle du changement dans l'acquisition de l'écriture : mémoire et projet

Résumé

Cet article expose les résultats d'une recherche antérieure et les axes d'une recherche actuelle, toutes les deux fondées sur une conception du changement dans l'acquisition de l'écriture qui confère à ce changement une nature relationnelle. Les résultats de la recherche antérieure sont exposés dans les trois sections de développement, à travers le dessin de relations sémiologico-énonciatives qui structurent l'écriture enfantine et subissent des transformations dans cette structuration : la relation locuteur-langue, les relations locuteur-allocutaire/allocution-monde et la relation langue-locuteur. Les axes de la recherche actuelle, à leur tour, sont exposés dans les considérations finales.

Mots-clés : changement ; acquisition de l'écriture ; relation ; sémiologie ; énonciation.

Introdução

Todo conhecimento é uma realidade histórica [...]. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. [...] Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (Auroux, 2014, p. 12).

Nos estudos em aquisição de linguagem, o tema da mudança é central em termos tanto fenomênicos quanto descritivos e explanatórios. Essa centralidade se deve ao fato de a aquisição envolver, em qualquer perspectiva teórica, a mudança de uma condição X a uma condição Y. As descrições e as explicações variam conforme a teoria e o objetivo de cada estudo, podendo a mudança ser entendida de modo mais amplo ou de modo mais estrito. De modo mais amplo, quando se trata, por exemplo, da mudança de não falante/não escrevente a falante/escrevente – mudança cuja explicação é o compromisso maior de toda perspectiva teórica em aquisição de linguagem. De modo mais estrito, quando se trata, por exemplo, da mudança do uso do nome próprio ao uso do pronome *eu* pela criança na referência a si mesma em sua constituição como falante ou, então, da mudança do desenho à letra em sua constituição como escrevente.

Em minha tese de doutoramento (Oliveira, 2022)², busquei introduzir, no campo da aquisição de linguagem, uma **perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita**. Teoricamente, tal perspectiva ancora-se na teoria da linguagem de Émile

2 Financiada por bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a tese foi orientada pela Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva e defendida, em janeiro de 2023, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Benveniste, mais precisamente em suas teorizações sobre a semiologia e a enunciação. Empiricamente, tal perspectiva ancora-se em dois *corpora*, constituídos em sessões de coleta naturalísticas e longitudinais, realizadas em ambiente doméstico, ao longo de dois anos e seis meses, com duas crianças: uma menina (Helena), acompanhada antes do ciclo da alfabetização, e um menino (Emanuel), acompanhado durante o ciclo da alfabetização³. As análises efetuadas resultaram na proposição de uma **natureza relacional da mudança na aquisição da escrita**, ligada a mudanças de configuração em relações semiológico-enunciativas estruturantes da escrita infantil.

Neste artigo, tenho por objetivo apresentar – para retomar os termos de Aurox (2014) em epígrafe⁴ – o duplo horizonte dessa proposta. O horizonte de retrospectão (memória) será apresentado mediante o delineamento das relações cujas transformações justificam a natureza relacional por mim atribuída à mudança no vir a ser escrevente: a relação locutor-língua (*cfe.* primeira seção), as relações locutor-alocutário/alocução-mundo (*cfe.* segunda seção) e a relação língua-locutor (*cfe.* terceira seção). Já o horizonte de projeção (projeto) será apresentado nas considerações finais, nas quais traçarei as linhas gerais de uma nova pesquisa, em andamento⁵.

A relação locutor-língua

Esta relação está no cerne de uma primeira macro-operação semiológico-enunciativa de aquisição da escrita: a **operação de deslocamento de lugar enunciativo**. Do ponto de vista teórico, tal operação caracteriza-se por uma mudança geral da relação locutor-língua: a passagem dos lugares (co)enunciativos de falante-ouvinte aos lugares (co)enunciativos de escrevente-leitor. Do ponto de vista fenomênico, tal operação caracteriza-se, no *corpus* de Helena, pela **dominância do rabisco** e, no *corpus* de Emanuel, e pela **dominância das relações fala-escuta/escrita-leitura**.

A dominância do rabisco (*cfe.* recorte enunciativo 1) é marcada pela ausência tanto do **princípio alfabético** (correspondência fonema-grafema) quanto do **princípio icônico** (correspondência desenho-referente).

3 Acompanhamentos autorizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob o Parecer Consubstanciado CAEE 11394419.5.0000.5347.

4 Recorro aos termos de Aurox (2014) com certa liberdade, pois os desloco do âmbito da história das ideias linguísticas, em que são empregados pelo autor, para o âmbito de minha história pessoal de pesquisa.

5 Financiada por bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a pesquisa está sendo realizada em Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro.

Recorte enunciativo 1a – Alocução falada-escrita⁶

Idade da criança: 3;8.28.

Data da sessão: 27/12/2018 (sessão 6).

Participantes: HEL (criança); GIO (investigador).

Situação: HEL e GIO estão sentados na cozinha da casa de GIO, que a convoca a escrever um bilhete para uma “sereia”.

HEL: olha aqui @ olha / olha esse / tudo essa riscaiada! [= em posição ereta, risca fortemente sobre a folha]

GIO: e o quê que é isso? uma sereia?

HEL: uma sereia de mar [= continua riscando forte sobre a folha]

Recorte enunciativo 1b – Enunciado escrito



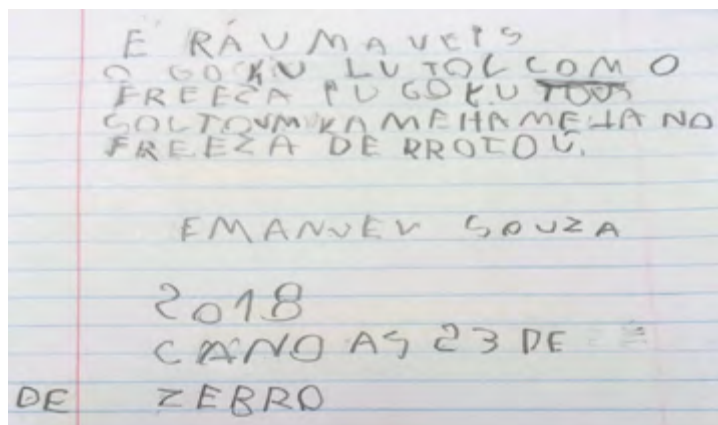
Por sua vez, a dominância das relações fala-escuta/escrita-leitura (*cfe.* recorte enunciativo 2) é marcada pela **emergência** e pela **estabilização do princípio alfabético** (conversões fonema-grafema na escrita e grafema-fonema na leitura), tal como pela **maior extensão dos enunciados escritos** (ainda que sem uma plena segmentação gráfica e **lidos** (ainda que em voz alta e de forma silabada).

6 Os recortes enunciativos aqui exibidos o são apenas a título ilustrativo e não com fins analíticos. Para análises detalhadas à luz da perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita, ver Oliveira (2022), em que também são esclarecidas as convenções de transcrição adotadas.

Recorte enunciativo 2a – Alocução falada-escrita

- Idade da criança:** 6;9.9.
- Data da sessão:** 23/12/2018 (sessão 7).
- Participantes:** EMA (criança); GIO (investigador).
- Situação:** EMA e GIO estão sentados na cozinha da casa de GIO, que o convoca a escrever uma estorinha sobre o desenho animado *Dragon Ball*. EMA interrompe a escrita da estorinha para ler o que já escreveu e pensar em como continuar.
- GIO: e aí? @ comé que continua a estória?
- EMA: “êê-ro” [= interrompe a leitura para corrigir a forma verbal] “êê-ra u-ma veiz o go-ku lu-tou com o free-za”

Recorte enunciativo 2b – Enunciado escrito



A mudança relacional em jogo nesta primeira operação é de caráter subjetivo e topológico, pois envolve o preenchimento de novos lugares de enunciação (da fala à escrita) e de coenunciação (da escuta à leitura), isto é, novas maneiras de a criança advir como sujeito da enunciação (efeito discursivo). Trata-se de uma reconfiguração da relação locutor-língua que, no entanto, não supõe uma superação, visto a criança não deixar de ser falante e ouvinte ao passar a ser escrevente e leitor: de *homo loquens*, ela passa a *homo loquens scriptor*. Não se trata, então, da ascensão a uma condição de locutor em detrimento da outra, mas sim de uma transformação da condição locutória, vale dizer, dos modos de a criança estar na língua e de a língua estar na criança. Essa transformação possibilita tanto o surgimento dos primeiros desenhos e letras em meio aos rabiscos que predominam na aurora da escrita infantil quanto a circulação de palavras nas primeiras frases que começam a ganhar corpo nessa escrita, acompanhando a circulação da própria criança por entre os distintos lugares (co)enunciativos (de falante, de ouvinte, de escrevente e de leitor).

Entretanto, o fato de a sede da mudança ser, aqui, a relação da criança (locutor) com a língua não significa que não haja, desde os momentos iniciais da aquisição da escrita, uma relação da criança com o outro (alocutário). Pelo contrário: a relação criança-outro é condição da relação criança-língua, no sentido de que é o outro (um já escrevente-leitor) que convoca a criança a preencher novos lugares de (co)enunciação da/na língua ("GIO: e aí? @ comé que continua a estória?") e que a sustenta nesses lugares antes de ela poder fazê-lo sozinha, quando, por exemplo, ele atribui sentido e referência às suas formas gráficas indistintas ("GIO: e o quê que é isso? uma sereia?"). Se podemos entender a subjetividade como "a capacidade do locutor de situar-se como 'sujeito'" (Benveniste, 1966, p. 259), ao enunciar, constitutiva dessa capacidade locutória é a "condição de diálogo" enquanto "polaridade das pessoas", que "é na linguagem a condição fundamental, da qual o processo de comunicação [...] não é senão uma consequência totalmente pragmática" (Benveniste, 1966, p. 260).

Tal papel constitutivo do diálogo envolve, no vir a ser escrevente como no vir a ser falante, "o complexo mecanismo de conjunção/disjunção entre *eu* e *tu*", um "mecanismo primordial" que garante, à criança (*eu*), "o preenchimento de lugar na estrutura enunciativa [...] a partir do *tu*, na dependência do *tu*, em conjunção com o *tu* e simultaneamente em disjunção com o *tu*" (Silva, 2009, p. 232-233). Mais especificamente na aquisição da escrita, esse mecanismo tem, como face enunciativa, a **conjunção eu-tu** (caracterizada pela convocação da criança pelo outro para que, na estrutura enunciativa, ela preencha os lugares de escrevente e de leitor) e, como face semiológica, a **disjunção eu/tu** (caracterizada tanto pela abstração discursiva como desprendimento do outro da alocação falada e dessa própria alocação quanto pela abstração sistêmica como reconhecimento da estrutura formal de base da materialidade gráfica). Dessa disjunção, resulta a suspensão temporária do processo de comunicação, uma vez que "A criança deve se abstrair da necessidade que a faz falar, ir brincar com um amigo ou comer uma maçã, para 'objetivar' o dado linguístico /brincar/ ou /maçã/": "Da palavra ao desenho da palavra realiza-se um salto imenso, do falar à imagem simbólica do falar" (Benveniste, 2014, p. 131).

As relações locutor-alocutário/alocução-mundo

Estas relações estão no cerne de uma segunda macro-operação semiológico-enunciativa de aquisição da escrita: a **operação de desdobramento do funcionamento do discurso escrito**. Do ponto de vista teórico, tal operação caracteriza-se não por uma, mas por duas mudanças gerais. A primeira mudança, de caráter intersubjetivo, consiste na passagem da enunciação escrita sem endereçamento à enunciação escrita endereçada a um alocutário. A segunda mudança, de caráter referencial, consiste na passagem do *aqui-agora* da alocação falada à complexa rede de relações espaço-temporais desdobrada pela alocação escrita. Do ponto de vista fenomênico, tal operação caracteriza-se, no *corpus* de Helena, pela **dominância do ícone** e, no *corpus* de Emanuel, pela **dominância das relações pessoa-espaço-tempo**.

A dominância do ícone (*cfe.* recorte enunciativo 3) é marcada pela **emergência** e pela **estabilização do princípio icônico**: na escrita, os rabiscos transformam-se em desenhos, ao ganharem os contornos dos referentes aos quais remetem; na leitura, são as ilustrações dos livros que guiam a interpretação da criança.

Recorte enunciativo 3a – Alocução falada-escrita

Idade da criança: 4;2.1.
Data da sessão: 30/05/2019 (sessão 10).
Participantes: HEL (criança); GIO (investigador); MÃE.
Situação: HEL está na sala de jantar da casa de sua AVÓ, sentada à mesa junto com GIO e MÃE, os quais lhe propõem que “escreva” ou desenhe algo para a AVÓ.

Com: HEL pega uma folha em branco nova e, nesta, faz um círculo amarelo.

MÃE: olha que sol grandeeee!!!

HEL: nããã, é o / é o barrigão do Papai Pig!

MÃE: ahhh

GIO: do Papai Pig [= ri]

HEL: eu preciso fazê a cara deeeeeee!!! [= continua desenhando]

[...]

MÃE: tem que fazê o rabo do porco

HEL: olha, ele precisa ter pés [= faz dois risquinhos amarelos abaixo da barriga do personagem] fazê as mãos [= faz dois risquinhos amarelos nas laterais da barriga]

GIO: não tinha essas formas no desenho dela antes, né? [= comenta olhando para a MÃE, que assente concordando] tá com forma agora

Recorte enunciativo 3b – Enunciado escrito⁷



Por sua vez, a dominância das relações pessoa-espaco-tempo (*cfe.* recorte enunciativo 4) é marcada pelo **desprendimento** da situação imediata de enunciação falada e pela **sustentação** de uma rede de relações enunciativas interna ao enunciado escrito, relações tanto pessoais – no caso do endereçamento a alocutários reais e individuais (como quando a criança escreve a um amigo ou a um familiar), imaginados (como quando a criança escreve ao Papai Noel ou ao Coelhoinho da Páscoa) ou coletivos (como quando a criança escreve a uma turma de estudantes mais velhos) – quanto espaciais e temporais – no caso dos acontecimentos retomados (como quando a criança escreve relatos), projetados (como quando a criança escreve cartinhas a um bebê da família por nascer) e simulados (como quando a criança escreve narrativas).

Recorte enunciativo 4a – Alocução falada-escrita

Idade da criança: 6;11.24.

Data da sessão: 10/03/2019 (sessão 9).

Participantes: EMA (criança); GIO (investigador).

Situação: EMA está sentado na sala de sua casa com GIO, que lhe sugere escrever uma cartinha ao Coelhoinho da Páscoa.

EMA: deixa eu pensá o quê que eu quero [= fala em tom de voz baixo e enrugando a testa, com o semblante pensativo e com o lápis sacudindo na mão]

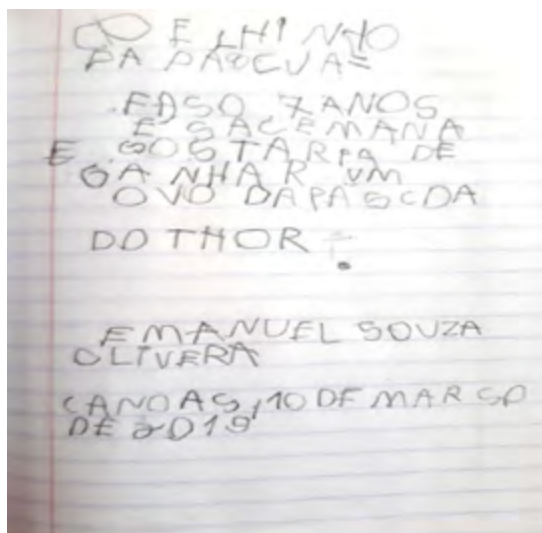
GIO: tá, pensa

EMA: videogame

⁷ Neste recorte enunciativo 3b, os signos icônicos (desenhos) foram produzidos pela criança, enquanto os signos linguísticos (nomes próprios) foram produzidos pela mãe ("Pepa Pig", em letra cursiva) e pela mãe guiando a mão da criança ("Papai Pig", "Helena", "George", em letra bastão).

- GIO: ah, mas acho que videogame não tem muito a ver com a Páscoa, né?
- EMA: ah, tem
- GIO: não sei se o Coelhoinho da Páscoa ele consegue isso
- EMA: eu acho que ele consegue
- Com: Apesar da ideia inicial, EMA termina por escrever uma cartinha em que pede, ao Coelhoinho da Páscoa, um ovo de chocolate do super-herói Thor.

Recorte enunciativo 4b – Enunciado escrito



Suspensão na primeira operação, o processo de comunicação via enunciação escrita é o que movimenta esta segunda operação e as mudanças que a definem: a mudança intersubjetiva (a qual reconfigura a relação locutor-alocutário) e a mudança referencial (a qual reconfigura a relação alocução-mundo). Essas duas mudanças relacionais são consequentes ao desdobramento do “duplo funcionamento [inter]subjetivo e referencial do discurso” (Benveniste, 2006, p. 101) – nesse caso, do discurso escrito enquanto uma forma outra de a língua se realizar semiológica e enunciativamente. Além de o discurso funcionar duplamente, cada um de seus dois funcionamentos contém, em si, uma dupla oposição, cujo desdobrar impulsiona a escrita infantil.

No interior do funcionamento intersubjetivo, trata-se de uma primeira oposição, “a oposição ‘eu-tu’, [que] é uma estrutura de alocução pessoal que é exclusivamente inter-humana” (Benveniste, 2006, p. 101). Eclipsada quando a criança está às voltas com a materialidade gráfica, essa estrutura alocucional sai da penumbra quando a criança passa a reconhecer um fato constitutivo da enunciação escrita: o fato de que o enunciado desta resultante será **lido** por outrem (a exemplo da avó, no recorte 3, e do Coelhoinho da Páscoa, no recorte 4). Tal reconhecimento, suscitado pelo **outro presente no aqui-agora** (o *tu* da alocução falada), leva o pequeno escrevente a endereçar-se um **outro ausente no**

aqui-agora (o *tu* da locução escrita), “qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a esse outro” (Benveniste, 2006, p. 84), o qual pode ser “real ou imaginado, individual ou coletivo” (Benveniste, 2006, p. 87). Esse endereçamento impõe à criança restrições ligadas ao alocutário e ao objeto da locução escrita, restrições que lhe chegam pelo *tu* da locução falada, como quando este a questiona a propósito da pertinência do pedido ao Coelho da Páscoa (“GIO: ah, mas acho que videogame não tem muito a ver com a Páscoa, né? EMA: ah, tem GIO: não sei se o Coelho da Páscoa ele consegue isso EMA: eu acho que ele consegue”).

Já no interior do funcionamento referencial, trata-se de uma segunda oposição, “a do ‘eu-tu’/‘ele’, [que,] opondo a pessoa à não-pessoa, efetua a operação de referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a locução” (Benveniste, 2006, p. 101). Esse *discurso sobre* é facultado, no *corpus* de Helena, pela “iconização do pensamento” (Benveniste, 2014, p. 133) e, no *corpus* de Emanuel, pela “rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (Benveniste, 2006, p. 101). Quanto à iconização do pensamento, trata-se da transformação dos **rabiscos** enquanto traços indiferenciados em **ícones** enquanto traços que vão se diferenciando conforme os referentes graficamente representados (“HEL: é o barrigão do Papai Pig! / eu preciso fazê a cara deeeee / olha, ele precisa ter pés [= faz dois risquinhos amarelos abaixo da barriga do personagem] fazê as mãos [= faz dois risquinhos amarelos nas laterais da barriga]”). Quanto à rede complexa de relações espaço-temporais, trata-se do fato de que, ao retomar, ao projetar e, sobretudo, ao simular acontecimentos discursivamente, a criança vê-se impelida a criar uma rede enunciativa de **figuras** e de **figurações** (pessoas, espaços e tempos) que, em seu discurso escrito, passa a situar intersubjetiva e referencialmente ao nele situar-se, ela própria, subjetivamente.

Se, na operação anterior, estava em jogo a “condição de diálogo” (Benveniste, 1966, p. 260) como **condição** da enunciação escrita, nesta operação, está em jogo a “estrutura do diálogo” (Benveniste, 2006, p. 87) como **efeito** da enunciação escrita, cujas relações tanto pessoais (locutor-alocutário) quanto espaciais e temporais (locução-mundo) “não existem senão na rede de ‘indivíduos’ que a enunciação cria e em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor” (Benveniste, 2006, p. 86). Lido sob lentes benvenistianas, o processo de comunicação é, portanto, da ordem de “um efeito de só-depois”, consequência pragmática de “um dispositivo de troca e de gestão dos efeitos da realização auto-referencial de ‘eu’” (Dufour, 2000, p. 73-74).

A relação língua-locutor

Esta relação está no cerne de uma terceira macro-operação semiológico-enunciativa de aquisição da escrita: a **operação de discretização do aparelho formal da enunciação escrita**. Do ponto de vista teórico, tal operação caracteriza-se por uma mudança geral

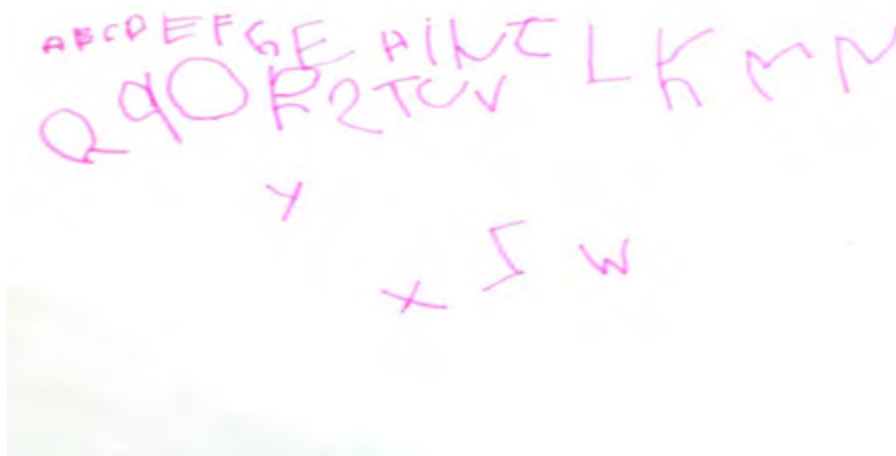
de caráter subjetivo e topológico, assim como a primeira operação, porém inverte os termos desta: trata-se não mais do locutor se instaurando na língua via preenchimento de novos lugares de enunciação e de coenunciação (relação locutor-língua), mas da língua se instaurando no locutor via processos semiológico-enunciativos mais complexos (relação língua-locutor). Essa mudança consiste no reconhecimento *da* à ação *sobre* a escrita como um todo constituído de partes. Do ponto de vista fenomênico, tal operação caracteriza-se, no *corpus* de Helena, pela **dominância da letra** e, no *corpus* de Emanuel, pela **dominância das relações contínuo-discreto**.

A dominância da letra (*cfe.* recorte enunciativo 5) é marcada pela **redução do repertório grafemático** a partir do reconhecimento das letras enquanto partes do alfabeto como um todo, embora não se possa falar, ainda, de princípio alfabético, na medida em que as letras são tomadas em suas relações de identidade e de diferença, sendo discretizadas em sua materialidade gráfica e não como grafemas correspondentes a fonemas.

Recorte enunciativo 5a – Alocução falada-escrita

Idade da criança:	5;6.1.
Data da sessão:	30/09/2020 (sessão 28).
Participantes:	HEL (criança); GIO (investigador).
Situação:	HEL está na casa de GIO, sentada à mesa da sala de jantar, escrevendo as letras do alfabeto.
Com:	Após a criança escrever as letras <A>, , <C>, <D> e <E>, o outro as lê em voz alta.
GIO:	então / <A> <C> <D> [= pronuncia o nome das letras, contando-as com os dedos da mão direita, até HEL o interromper]
HEL:	<Ó> <É> <J> <I>
Com:	GIO ri brevemente, mas logo retoma a ordem alfabética.
[...]	
Com:	HEL começa a nomear as letras já escritas enquanto as aponta com a canetinha.
HEL:	<D> <C> <N> <J> <M> <P> <G> <F> <L> <C> <A> <H> <J> <P> <A>!
Com:	Embora os nomes não correspondam ao número, à ordem e às letras já grafadas, GIO não a corrige.
[...]	
HEL:	deu? [= pergunta após escrever a letra <Y>]
GIO:	FEZ O ALFABETO!!! / depois tem que mostrá pra tua mãe, né? que lindo!

Recorte enunciativo 5b – Enunciado escrito



Por sua vez, a dominância das relações contínuo-discreto (*cfe.* recortes enunciativos 6 e 7) é marcada por **processos semiológico-enunciativos mais complexos**, como os seguintes: (a) a distribuição dos grafemas no sistema linguístico (em termos de estabelecimento de suas latitudes combinatórias de ordem associativa e sintagmática); (b) a integração e a dissociação das unidades gráficas no discurso (em termos de composição, decomposição e recomposição de grafemas, sílabas, morfemas, lexemas); (c) a sintagmatização do discurso escrito com vistas à produção de efeitos performativos sobre o leitor; (d) a resintagmatização desse discurso com vistas à autocorreção de erros, aos quais a criança vai se tornando mais sensível ao passar da leitura em voz alta e partilhada (dialógica) à leitura silenciosa e individual (monológica).

Recorte enunciativo 6a – Alocução falada-escrita

Idade da criança: 8;1.14.

Data da sessão: 28/04/2020 (sessão 25).

Participantes: EMA (criança); GIO (investigador).

Situação: EMA e GIO estão sentados no quarto de EMA, que escreve uma carta a seu primo Cauã para lhe contar da não existência de personagens do imaginário infantil.

EMA: não existe a Fada do Dente nem o Papai Noel nem o Coelhoinho da Páscoa / nenhum dos três

GIO: não existe?

Com: EMA nega com um meneio de cabeça.

GIO: então faz uma estória dizendo que eles não existem! @ sabe quem acredita neles?

EMA: quem?

GIO: o Cauã @ conta pra ele que eles não existem
[...]

Com: EMA interrompe a escrita do enunciado para fazer um comentário.

EMA: eu acho que o Cauã vai até chorá, né? [= sorri malicioso]

GIO: vai até chorá?

EMA: eu acho [= continua sorrindo]

GIO: por quê? por que ele acredita em tudo isso?

Com: EMA assente sorrindo e GIO ri alto.
[...]

Com: EMA usa o dedo indicador para medir o espaço em branco na entrada do parágrafo, como GIO lhe mostrou em outra situação.

GIO: ah, o dedinhooo!

EMA: um [= escreve o número um no início do novo parágrafo, *cfe.* grifo vermelho no recorte 6b]

GIO: o que que é um?

EMA: “por que o Papai Noel não existe sabe por quê? @ porque é os pais que entregam os presentes”

GIO: então diz pra ele

EMA: um @ por por @@@

GIO: ahh, tu vai listá os motivos?

EMA: é, assim ó @ “um por que o Papai Noel não existe? porque é os porque / é os pais que entregam”

GIO: e depois vai falá “dois”?

EMA: é

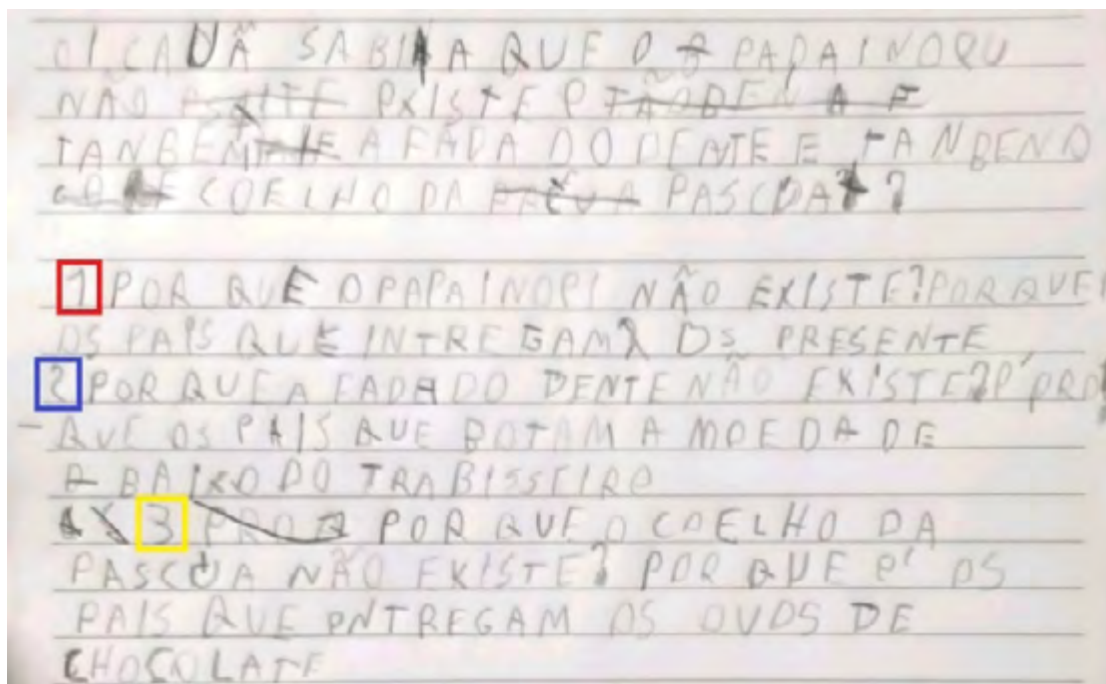
GIO: ahhh, tu vai enumerááá?

Com: EMA assente com um meneio de cabeça.

GIO: interessaanteel! [= com tom surpreso]

Com: EMA dá continuidade à escrita do enunciado, enumerando as razões da não existência dos três personagens, *cfe.* grifos azul e amarelo no recorte 6b.

Recorte enunciativo 6b – Enunciado escrito



Recorte enunciativo 7a – Alocução falada-escrita

Idade da criança: 8;7.12.

Data da sessão: 26/10/2020 (sessão 33).

Participantes: EMA (criança); GIO (investigador).

Situação: EMA está na casa de GIO, sentado com este à mesa da sala de jantar e escrevendo uma estorinha intitulada "Loki vs. Hela". GIO permanece a maior parte do tempo distraído no celular enquanto EMA escreve "sozinho".

EMA: fiz errado [= fala em tom baixo após escrever um <P> e o risca, *cfe.* grifo vermelho no recorte 7b]

Com: Após riscar a letra errada, EMA repete a mesma letra riscada, mas imediatamente se dá conta disso.

EMA: ai, fiz errado de novo! [= fala em tom alto e risca a segunda ocorrência da letra <P>, ao lado da primeira já riscada, *cfe.* grifo azul no recorte 7b]

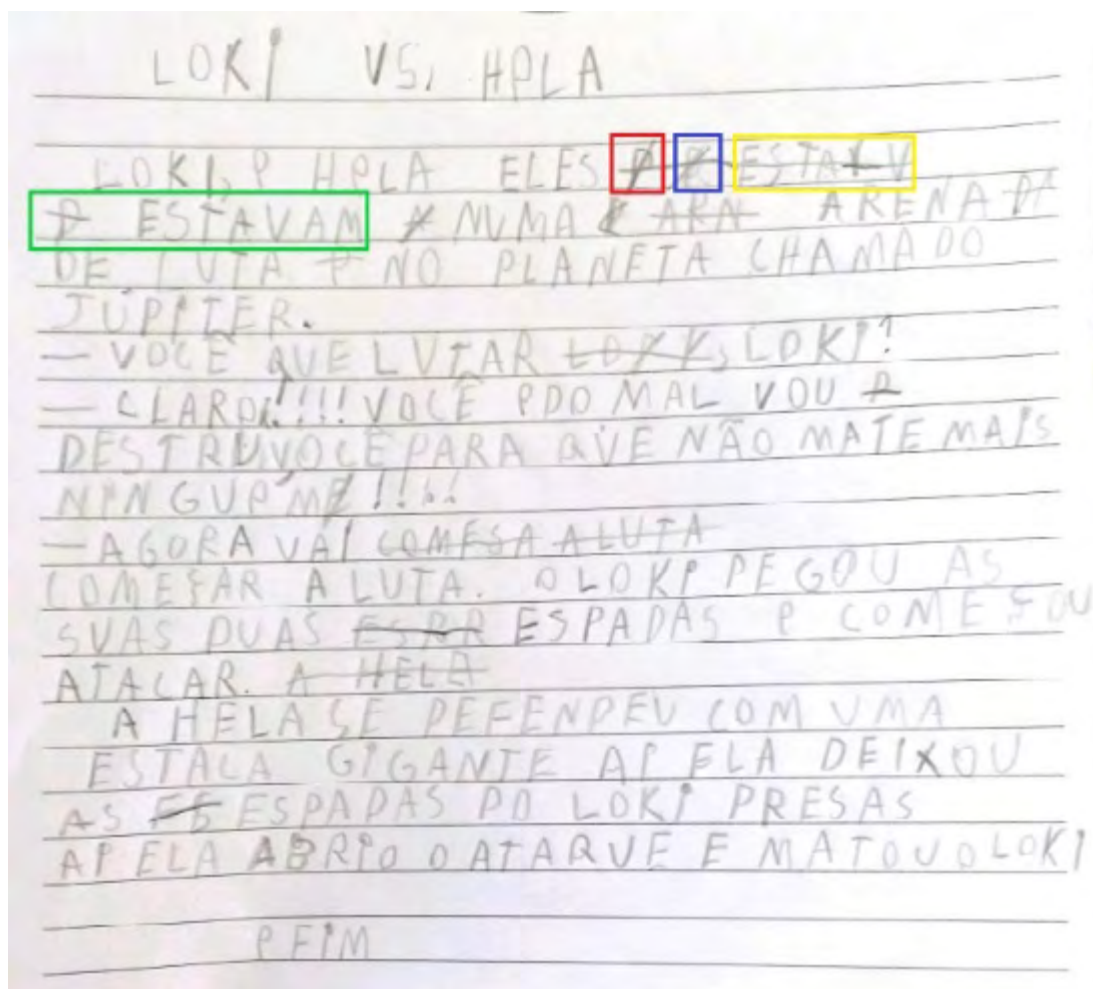
[...]

Com: Após escrever "estavv" ao lado das duas letras riscadas antes, EMA risca a palavra parcialmente escrita (*cfe.* grifo amarelo no recorte 7b) e continua na linha seguinte. GIO deixa de mexer no celular.

GIO: "estavam" "es-ta-vAM" [= sílaba a forma verbal, enfatizando a nasalização da sílaba final]

EMA: eu ia botá "destavam" [= sorri, risca o <D> recém-escrito e, ao lado, escreve "estavam", *cfe.* grifo verde no recorte 7b]

Recorte enunciativo 7b – Enunciado escrito



Se o processo de comunicação via enunciação escrita é suspenso na primeira operação e acentuado na segunda, nesta terceira, tal processo é ora acentuado, ora suspenso, a depender se o reconhecimento *da* e a ação *sobre* a língua miram o **sentido** e a **referência** (em uma direção ascendente de integração de unidades em níveis superiores) ou a **forma** (em uma direção descendente de dissociação de unidades em níveis inferiores), pois “Tudo se resume nisso: a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes” (Benveniste, 2005, p. 135).

Da acentuação do processo de comunicação, dá testemunho o recorte enunciativo 6, no qual a criança procede à sintagmatização de palavras no discurso escrito como globalidade enunciativa produzida com vistas ao desencadeamento de efeitos de sentido e de referência relativamente deliberados (“EMA: eu acho que o Cauã vai até chorá, né? [= sorri malicioso]”). Para desencadear tais efeitos sobre o alocutário, o locutor lança mão de recursos formais expressivos como a enumeração, a interrogação e o paralelismo

("1 **POR QUE** O PAPAI NOEL **NÃO EXISTE?** POR QUE OS PAIS QUE INTREGAM OS PRESENTE 2 **POR QUE** A FADA DO DENTE **NÃO EXISTE? É PRO !** – QUE OS PAIS QUE BOTAM A MOEDA DE Ø BAIXO DO TRABISSEIRO 3 **PRØ POR QUE** O COELHO DA PÁSCOA **NÃO EXISTE?** POR QUE É OS PAIS QUE ENTREGAM OS OVOS DE CHOCOLATE"). A expressividade desses recursos confere, à escrita da criança, nuances enunciativas que indiciam "a *performância* de palavra e o seu *performador*" (Benveniste, 2005, p. 303, grifo do autor). Tal **caráter performático do ato de escrever** mostra "Um homem se expressa[ndo] (lat. *exprimere* 'fazer sair pressionando, fazer jorrar para o exterior), ele faz jorrar a língua na enunciação" (Benveniste *in* Ono, 2012, p. 80, tradução própria⁸).

Da suspensão do processo de comunicação, dão testemunho os recortes enunciativos 5 e 7. No recorte 5, vemos que a escrita de Helena "se literalizou, conformando-se a uma imagem cada vez mais formal da língua" (Benveniste, 2014, p. 156) e submetendo-se à "etapa decisiva da redução do número de signos gráficos" (Benveniste, 2014, p. 142, nota de ouvinte). Da ausência de representação gráfica via rabisco à representação gráfica da língua via letra, passando pela representação gráfica do mundo via ícone, acompanhamos a trajetória de uma escrita que, para se semiotizar como a escrita de uma língua, necessita reduzir seu repertório grafemático. Já no recorte 7, vemos Emanuel se detendo "sobre a língua em vez de se deter sobre as coisas enunciadas; [...] ele observa recorrências, identidades, diferenças parciais, e essas observações se fixam em representações gráficas que objetivam a língua e que suscitam, enquanto imagens, a própria materialidade da língua" (Benveniste, 2014, p. 156). Tais "observações" o fazem tanto reconhecer erros quanto corrigi-los ("EMA: fiz errado [= fala em tom baixo após escrever um <P> e o risca, *cfe.* grifo vermelho no recorte 7b] / ai, fiz errado de novo! [= fala em tom alto e risca a segunda ocorrência da letra <P>, ao lado da primeira já riscada, *cfe.* grifo azul no recorte 7b]"). Não se trata, contudo, de "evidências de uma consciência metalinguística", mas de **indícios de uma sensibilidade locutória**, a qual, se promove uma ação da criança sobre a língua, é já efeito da ação, sobre a criança enquanto locutor, da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela tal sistema e que, nessa remodelagem semiológica, faz a criança passar da sintagmatização *durante* o ato de escrever à resintagmatização *após* o ato de ler.

Como esta operação de **discretização** do aparelho formal da enunciação escrita se distingue das outras duas macro-operações semiológico-enunciativas de aquisição da escrita, a operação de **deslocamento** de lugar enunciativo e a operação de **desdobramento** do funcionamento do discurso escrito? Se, na primeira operação, a criança é inserida pelo outro na estrutura enunciativa e na estrutura semiológica da língua em sua realização gráfica, na terceira operação, a criança – já inserida nessas duas estruturas e mais mergulhada na estrutura enunciativa (devido à segunda operação), mergulha, também e simultaneamente, na estrutura semiológica. Tanto teórica quanto fenomenicamente,

⁸ No original: "Un homme s'exprime (lat. *exprimere* « faire sortir en pressant, faire jaillir à l'extérieur »), il fait jaillir la langue dans l'énonciation".

pode-se dizer que o termo *relação* é um estenograma⁹ das três operações, ou seja, é um termo que abrevia um conjunto de proposições ligadas a elas.

Teoricamente, cada operação se caracteriza por uma mudança relacional. Na primeira operação, há a reconfiguração da **relação locutor-língua** (com a passagem dos lugares de falante-ouvinte aos lugares de escrevente-leitor). Na segunda operação, há a reconfiguração da **relação locutor-alocutário** (com a passagem da enunciação escrita sem endereçamento à enunciação escrita endereçada a um alocutário) e da **relação alocação-mundo** (com a passagem do *aqui-agora* da alocação falada à complexa rede de relações espaço-temporais desdobrada pela alocação escrita). Na terceira operação, há a reconfiguração da **relação língua-locutor** (com a passagem do reconhecimento *da* à ação *sobre* a escrita como um todo constituído de partes).

Fenomenicamente, cada operação se caracteriza por fenômenos relacionais. Na primeira operação, no *corpus* de Helena, há a **dominância do rabisco** (o qual, se privado é de relação semiológica, pois “não faz signo”, nem icônico nem linguístico, é o estado nascente da relação enunciativa da criança com a escrita, relação condicionada pela relação da criança com o adulto) e, no *corpus* de Emanuel, há a **dominância das relações fala-escuta/escrita-leitura** (as quais viabilizam as correspondências grafofônicas imprescindíveis a um escrever e a um ler alfabeticamente). Na segunda operação, no *corpus* de Helena, há a **dominância do ícone** (relação desenho-referente, cuja necessária identidade imagética restringe a contingência amorfa do rabisco) e, no *corpus* de Emanuel, há a **dominância das relações pessoa-espaço-tempo** (relações *eu-tu/ele-aqui-agora* que, na enunciação escrita, desdobram-se em rede tanto no endereçamento a alocutários reais e individuais, imaginados ou coletivos quanto na retomada, na projeção e na simulação de acontecimentos). Na terceira operação, no *corpus* de Helena, há a **dominância da letra** (a qual, se inicialmente carece de valor sonoro, o que impossibilita falar de relações fonema-grafema/grafema-fonema, reveste-se de um valor semiótico mediante relações de identidade e de diferença com outras letras, o que conduz à restrição do inventário grafemático e à literalização da escrita icônica, com a letra se impondo ao desenho) e, no *corpus* de Emanuel, há a **dominância das relações contínuo-discreto** (as quais se cristalizam, no domínio semiótico/sistêmico da língua, na distribuição dos grafemas e, no domínio semântico/discursivo da língua, tanto na integração de unidades gráficas – grafemas, sílabas, morfemas, palavras – em unidades significantes de nível superior quanto na dissociação dessas unidades em constituintes formais de nível inferior).

A primazia, tanto teórica quanto fenomênica, das relações semiológico-enunciativas que marcam as transformações da escrita infantil direcionou-me, em Oliveira (2022), à atribuição de uma **natureza relacional** a tais transformações. Foi então que, inspirado por De Lemos (2002, p. 17) – a qual, à luz de sua proposta filiada tanto às linguísticas

9 Cf.. Milner (2021, p. 24, 47, 125, 165, 196).

saussuriana e jakobsoniana quanto à psicanálise lacaniana, qualifica a mudança no vir a ser falante como “mudança de posição em uma estrutura” –, à luz de minha proposta filiada à linguística benvenistiana, qualifiquei a mudança no vir a ser escrevente como **mudança de configuração em uma relação**¹⁰. Ponto de chegada de minha pesquisa de doutoramento, tal natureza relacional é um dos pontos de partida de minha pesquisa de pós-doutoramento, à qual reservo as considerações finais deste artigo.

Considerações finais

Se a investigação já concluída foi fundamentada essencialmente pelo pensamento de Émile Benveniste, a investigação em curso, mantendo-o como matriz teórica, abre-se ao diálogo com o pensamento de Ferdinand de Saussure e com o interacionismo estrutural em aquisição de linguagem – aqui representado pelos estudos de Cláudia de Lemos e de Maria Fausta Pereira de Castro. O diálogo com os referidos exteriores teóricos justifica-se por um ponto em comum: o **reconhecimento da ordem própria da língua**, bem como a assunção de compromissos e de restrições que esse reconhecimento impõe ao linguista que enfrenta questões como a mudança, o tempo e os efeitos destes na criança em seu vir a ser falante/escrevente. Dessa forma, faço minhas as palavras de De Lemos (2004), a qual, em estudo sobre os pronomes na fala da criança, parte das reflexões de Benveniste e de Jakobson, passa pela teoria da ligação do gerativismo e chega à psicanálise lacaniana:

Isso equivale a dizer que considero possível deixar-se afetar pela interpretação que uma teoria faz de determinado fenômeno sem pecar por incongruência teórica e epistemológica. A favor dessa possibilidade, invoco aqui tanto o movimento que Jacques Lacan ousou fazer na direção da Linguística, em nome de seu retorno a Freud, quanto a insistência com que Jean-Claude Milner, que se intitula lingüista, transita da Linguística para a Psicanálise e da Psicanálise para a Linguística, iluminando nesse trânsito uma e outra, sem confundi-las [...] a abertura para a diferença só se efetiva na e pela disponibilidade de se deixar afetar por ela (De Lemos, 2004, p. 10).

Três são as hipóteses que, afetado tanto pela matriz quanto pelos exteriores teóricos mencionados, busco averiguar na pesquisa em andamento:

- **Hipótese I** – A natureza relacional da mudança na aquisição da escrita implica o reconhecimento do signo gráfico como unidade e como dependente da ordem semiótica.

10 A inspiração em De Lemos (2002) deve-se ao fato de essa autora ser uma das únicas a preocupar-se em qualificar a natureza da mudança no vir a ser falante. Se qualifico a natureza da mudança no vir a ser escrevente com outros termos, faço-o não para propor uma alternativa ou um complemento à proposta da linguista, mas sim por efeito do quadro teórico distinto (porém, creio, não oposto) em que me situo.

- **Hipótese II** – O papel do tempo, nas mudanças que se operam nas relações semiológico-enunciativas estruturantes da escrita infantil, é um papel não causal e não teleológico que envolve a constituição do locutor-escrevente no tempo crônico e a constituição do sujeito da enunciação escrita no tempo linguístico.
- **Hipótese III** – A mudança na aquisição da escrita produz dois grandes efeitos na criança: a passagem da opacidade à transparência da materialidade gráfica e o esquecimento da escrita infantil.

Quanto a (I), essa primeira hipótese exige uma nova incursão pelos *corpora* de Helena e de Emanuel, assim como uma reflexão sobre o modo como, na aquisição da escrita, a criança chega tanto à unidade quanto às relações entre níveis e unidades. Se o estudo anterior se concentrou nas **mudanças gerais** que assinalam reconfigurações das relações locutor-língua, locutor-alocutário/alocação-mundo e língua-locutor, o estudo atual se concentrará nas **mudanças locais** que assinalam, no *corpus* de Helena, reconfigurações do rabisco, do ícone e da letra e, no *corpus* de Emanuel, reconfigurações das relações fala-escuta/escrita-leitura, pessoa-espaco-tempo e contínuo-discreto. O exame dessas reconfigurações relacionais passará por uma discussão da questão da identidade linguística em Saussure e em Benveniste, a qual não pode ignorar comentadores de suas obras que nelas também investigaram tal questão (como, dentre outros, Pereira de Castro, 2020, 2023).

Quanto a (II), essa segunda hipótese retoma uma formulação apenas esboçada em Oliveira (2022). Trata-se da seguinte formulação: na aquisição da língua materna, em sua realização tanto vocal quanto gráfica¹¹, há duas constituições implicadas – por um lado, a **constituição do locutor** (falante-ouvinte/escrevente-leitor) nos primeiros anos de relação da criança com a língua como sistema de signos e como atividade discursiva; por outro lado, a **constituição do sujeito da enunciação** (efeito discursivo) em cada *aqui-agora* de fala e de escrita em ato. O aprofundamento dessa formulação requer um diálogo com as ideias de *tempo crônico* e de *tempo linguístico* (Benveniste, 2006), com as ideias de *diacronia* e de *sincronia enunciativas* e de *aquisição da língua como ato de enunciação* (Silva, 2009), bem como com a ideia de *relação não causal e não teleológica entre tempo e mudança* (a partir de Benveniste, 2005; De Lemos, 2002; Pereira de Castro 2005, 2013), além de uma problematização da noção de *desenvolvimento* (De Lemos, 2006), da distinção entre termos como *estágios*, *períodos*, *fases*, *níveis*, *posições* e *operações* e da questão da continuidade/descontinuidade na mudança (Perroni, 1994).

11 Tais termos são aqui empregados com inspiração em Benveniste. Em “O aparelho formal da enunciação”, o autor pontua que “O mais imediatamente perceptível e o mais direto [aspecto da enunciação] [...] é a realização vocal da língua” (Benveniste, 2006, p. 82). Já na “Aula 8” das *Últimas no Collège de France (1968 e 1969)*, o linguista observa que, na escrita, “No princípio, queremos transmitir ou conservar uma *mensagem*. Queremos, então, veicular *à distância* um enunciado, queremos *realizar graficamente o semiótico*” (Benveniste, 2014, p. 156, grifos do original). Vale lembrar que, por *semiótico*, Benveniste entende a língua como sistema de signos (domínio da potência/virtualidade) e, por *semântico*, o domínio da língua como atividade discursiva (domínio da atualização/realização).

Quanto a (III), essa terceira hipótese deve-se a duas releituras recentemente feitas no campo da aquisição de linguagem. A primeira releitura foi a do texto de De Lemos (1998), no qual a autora sublinha o “caráter irreversível” da transformação simbólica que, operada pela aquisição da escrita, consiste na passagem de uma **opacidade** a uma aparente **transparência**: “Uma vez transformados pela escrita em alguém que pode ler ou escrever, não é possível subtrairmo-nos a seu efeito, nem concebermos qual é a relação que aquele que não sabe ler tem com esses sinais que, para nós, apresentam-se como transparentes”, ao que acrescenta: “[...] não podemos mais recuperar a opacidade com que esses sinais antes se apresentavam também para nós” (De Lemos, 1998, p. 17). Já a segunda releitura foi a dos textos de Pereira de Castro (2010, 2022), nos quais, com base na teorização de Ferdinand de Saussure sobre a mudança linguística e na reflexão de Sigmund Freud acerca das lembranças da infância, a estudiosa defende que a mudança na aquisição de linguagem supõe um **esquecimento** fundante: “[...] uma vez posta no funcionamento da língua materna, na posição de falante, a criança esquece a fala infantil” (Pereira de Castro, 2010, p. 99); trata-se de um esquecimento da heterogeneidade e da “singularidade exuberante de sua fala” (Pereira de Castro, 2022, p. 207), que, ao se aproximar da fala do adulto, vai adquirindo relativas homogeneidade e estabilidade: “O sistema de valor em funcionamento na massa falante produz sobre as diferentes formas de criação da fala da criança uma mudança radical, isto é, o esquecimento da fala infantil pela aquisição da língua materna” (Pereira de Castro, 2022, p. 208). Tais releituras dos textos de De Lemos (1998) e de Pereira de Castro (2010, 2022) possibilitam-me testemunhar, à luz de meus próprios *corpora*, o alcance das hipóteses das duas autoras. Nessa direção, creio haver uma relação entre o caráter irreversível que De Lemos atribui à passagem da opacidade a uma aparente transparência no vir a ser escrevente e a mudança radical que Pereira de Castro associa ao esquecimento da fala infantil no vir a ser falante. Essas hipóteses parecem poder ser vinculadas ao que, em Oliveira (2022) e a partir de Benveniste (2014), chamei de **autossemiotização da língua** e de **redução do repertório grafemático**:

Isso [a autossemiotização da língua] quer dizer que o falante se detém sobre a língua em vez de se deter sobre as coisas enunciadas; ele leva em consideração a língua e a descobre significante; ele observa recorrências, identidades, diferenças parciais, e essas observações se fixam em representações gráficas que objetivam a língua e que suscitam, enquanto imagens, a própria materialidade da língua. A escrita e, mais particularmente a escrita alfabética, é o *instrumento da autossemiotização da língua* (Benveniste, 2014, p. 156).

Nessa redução [a do repertório grafemático], fica obliterada toda a profusão de formas gráficas que, em momentos iniciais do vir a ser escrevente, caracteriza a escrita da criança, seja em termos de rabiscos enquanto traços indistintos (e que, nessa não distintividade, são refratários à compreensão, mesmo que visual), seja em termos de desenhos enquanto traços distinguíveis iconicamente (e que, nessa distintividade icônica, podem assumir formas mil). Com a limitação do número de unidades gráficas, floresce, pois, a escrita infantil (Oliveira, 2022, p. 350).

Além dessas hipóteses, efeitos do diálogo com o interacionismo estrutural em aquisição de linguagem já se fazem sentir na relação tanto com parte da terminologia teórica de minha proposta quanto com alguns fatos empíricos revisitados.

No que concerne à terminologia teórica, cada vez mais se mostram delicados termos como *intersubjetividade* (e seus correlatos *comunicação intersubjetiva* / *funcionamento intersubjetivo do discurso*) e *metalinguagem* (e seus correlatos *faculdade metalinguística* / *atividade metalinguística*). Se sempre me esforcei para mostrar que, em Benveniste, tais termos se revestem de acepções estritamente linguísticas, a fim de afastar qualquer leitura psicologizante deles, hoje, questiono-me se, ainda assim, vale a pena mantê-los, sobretudo no campo da aquisição de linguagem, no qual eles remetem a estudos em tudo diferentes dos meus. Por quais termos substituí-los, então? Ora, os próprios textos benvenistianos apontam um caminho, ao falarem mais em *diálogo* do que em *intersubjetividade* e mais em *interpretância* do que em *metalinguagem*. Argumentar em favor dessas substituições deverá me ocupar em futuro próximo.

No que concerne a alguns fatos empíricos revisitados, a abertura a uma linguística tocada pela hipótese do inconsciente não deixa de deslocar o olhar de linguista antes lançado sobre a empiria. Nesse deslocamento, dão-se a ver, de uma maneira outra, turnos dialógicos no interior de uma mesma sessão de coleta e relações entre diferentes sessões, caso daquelas registradas nos recortes enunciativos 4 e 7. Na primeira sessão, aos 6 anos, 11 meses e 24 dias, Emanuel endereça uma cartinha ao Coelhoinho da Páscoa para pedir-lhe um ovo de chocolate, não sem antes cogitar pedir-lhe um videogame (“GIO: não sei se o Coelhoinho da Páscoa ele consegue isso EMA: eu acho que ele consegue”). Na segunda sessão, aos 8 anos, 1 mês e 14 dias, Emanuel igualmente endereça uma cartinha, desta vez a seu primo Cauã, a fim de contar-lhe da não existência do Coelhoinho da Páscoa, do Papai Noel e da Fada do Dente (“EMA: não existe a Fada do Dente nem o Papai Noel nem o Coelhoinho da Páscoa / nenhum dos três GIO: não existe? Com: EMA nega com um meneio de cabeça [...] EMA: eu acho que o Cauã vai até chorá, né? [= sorri malicioso]”). Essa mudança de atitude da criança em relação a personagens que povoam o imaginário infantil se marca, linguisticamente, tanto na fala (com a projeção do efeito de sentido visado sobre o primo) quanto na escrita (com os recursos formais expressivos da enumeração, da interrogação e do paralelismo), o que nos permite interrogar: é só a língua que jorra na enunciação? Ou também poderíamos vislumbrar, nesse jorro, efeitos de “processos através dos quais o falante [e escrevente] é identificado e se identifica com o outro, cuja alteridade é obliterada em favor de um assemelhamento” (De Lemos, 2006, p. 27, acréscimo meu)? Não seriam tais processos identificatórios responsáveis pelo esquecimento, por parte da criança, não só da exuberância singular de sua fala e de sua escrita infantis, mas também de sua própria infância, a qual, junto de tais fala e escrita, “se dilui no passado do falante [e escrevente]” (Pereira de Castro, 2005, s/p., acréscimo meu)? Mais do que suas respostas, a formulação mesma de perguntas como essas é tributária de um deixar-se afetar por um exterior teórico outro além daqueles já mencionados: é tributária de um deixar-se afetar pela psicanálise.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa de doutoramento cujos principais resultados foram aqui expostos.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento da pesquisa de pós-doutoramento cujos eixos foram igualmente aqui expostos.

À Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro (Unicamp/CNPq), pela acolhida no Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem (GPAL/CNPq) e pela atenta leitura, que qualificou a versão final deste artigo.

Referências

AUROUX, S. O nascimento das metalinguagens. In: AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 11-34.

BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale 1*. 1. ed. Paris: Gallimard, 1966.

DE LEMOS, C. T. G. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição de linguagem. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2006. p. 21-32.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre os pronomes pessoais na fala da criança. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 9-35, set. 2004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/13899>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 41-69, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, R. (org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 13-32.

DUFOUR, D.-R. *Mistérios da trindade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

MILNER, J.-C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2021.

OLIVEIRA, G. F. *Do homo loquens ao homo loquens scriptor: por uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/257970>. Acesso em: 17 nov. 2024.

ONO, A. « Le nom c'est l'être »: les notes préparatoires d'Émile Benveniste à l'article « La blasphémie et l'euphémie ». *Genesis*, n. 53, p. 77-86, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/1047>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. A infância e a aquisição de linguagem. *ComCiência*, 10 dez. 2005. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2005/12/09.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 52, n. 1, p. 91-102, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637204>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 87-98.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. Le renouveau de la notion d'identité linguistique par Saussure. In: PEREIRA DE CASTRO, M. F.; SILVEIRA, E.; FARIA, N. R. B. (org.). *Études saussuriennes aujourd'hui*. 1. ed. Roma: Aracne, 2023. p. 49-64.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. Em que consiste a identidade linguística? Uma questão saussuriana. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-12, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/13432>. Acesso em: 17 nov. 2024.



PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. A singularidade na aquisição da linguagem. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 14, v. 2, p. 197-209, nov. 2022. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/14_2_cuaderno_010.pdf. Acesso em: 17 nov. 2024.

PERRONI, M. C. Sobre o conceito de estágio em aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 26, p. 7-16, jan./jun. 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636808>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SILVA, C. L. da C. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.